

Educação pela Imagem: o uso de imagens nas práticas do Pibid

Gracielia Novaes da Penha

gracinovaes@yahoo.com.br

Introdução

O presente artigo discorrerá sobre a concepção da imagem como texto e não apenas como um recurso de apoio ao texto verbal em sala de aula, através da experiência no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) no subprojeto “Educação pela Imagem: formação cultural, leitura e escrita” que é desenvolvido nas unidades escolares: Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães na cidade de Jacobina, e no Colégio Estadual Normal Arnaldo de Oliveira na cidade de Caém, ambas as cidades do interior da Bahia. E que tem como bolsistas de iniciação os alunos das licenciaturas de Letras Vernáculas e de Inglês do Departamento de Ciências Humanas- Campus IV da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

Desde muito tempo o homem já utilizava as imagens como forma de se relacionar com o mundo, expressando sua subjetividade, maneira de olhar, ver e compreender o mundo que o cerca. Assim, a imagem supõe muito mais do que apenas uma representação simbólica de objetos ou paisagem.

Quando, ainda, nas cavernas o homem criava imagens que falavam sobre sua rotina, crenças, e hábitos, e o faziam através das pinturas rupestres percebe-se aí que o valor das imagens como representação da ação humana e como veículo de comunicação. Pois, essas imagens, tinham como objetivos não só o de representar, mas também de comunicar, ensinar aos mais novos como os rituais aconteciam, seja da pesca, caça ou do culto religioso. Já nesse período, percebe-se o uso pedagógico das imagens.

A imagem, como recurso para ensino também foi bastante usada na Idade Média. Quando os valores da época eram transmitidos, especialmente através da representação simbólica. Pois, a população da época, que em sua grande maioria era iletrada, via nos ensinamentos (impostos) realizados pela Igreja, se fundamentar nas apresentações de imagens. Seja nas pinturas de cenas bíblicas, nas simbologias dos sermões ou em encenações de alto. O povo via os ensinamentos dos valores da época se materializarem através das imagens projetadas para esse fim.

Com o passar dos tempos, vem sendo agregados novos conceitos e valores de uso das imagens, não apenas o de representar o real, mas também como modo de externar a subjetividade, e as diversas perspectivas em que a realidade se compõe. As imagens passam a não ser somente ilustração, mas a formar sentidos diversos a partir do olhar de quem as vê.

Hoje a partir de todas as inovações técnicas e tecnológicas que convivemos diariamente, faz com o homem modifique sua percepção e sua forma de se relacionar com o mundo. E as imagens estão no centro dessas mudanças, pois o apelo ao que é visto denota mudanças de hábitos e valores. A imagem não apenas representa, mas comunica e em alguns contextos determina concepções. Conforme assinala FAGUNDES (2009) “Num pulso de efemeridade, as imagens passam por nós - comunicam, influenciam, sugerem, aludem e circulam constantemente”.

A leitura de imagens

“Uma imagem fala mais do que mil palavras”, essa é uma frase que se tornou comum. As pessoas costumam repeti-las quando querem se referir ao poder de alcance e potencial de sentidos que as imagens representam na contemporaneidade. A cada instante as pessoas são bombardeadas por centenas de imagens à sua volta, que chegam através dos meios de comunicação, especialmente pela internet. E essas imagens são carregadas de sentidos, que aguçam e potencializam o senso criativo dos expectadores.

E quando essa relação de observar e interpretar as imagens estabelece um diálogo, a imagem passa ter uma conotação de texto. Pois, sua carga semântica é formada por símbolos advindos da cultura a qual seu produtor está inserido.

Uma imagem, portanto, entendida como manifestação de um código, que por sua vez pertence a um determinado sistema, é expressa através de formas e cores, sons ou gestos – ou da simultaneidade destes elementos estruturantes - e pode se tornar um objeto ou evento passível de estudo. (OLIVEIRA, 1995)

Dessa forma a imagem compreendida como um objeto polissêmico e potencialmente um objeto de estudo, é considerado como texto. Nessa perspectiva todas as imagens podem ser lidas e interpretadas, o expectador agora, não é mais apenas um apreciador, mas seu olhar deve ser aguçado para interpretar os valores ideológico-culturais que formam esse texto.

Neste sentido, a imagem pode ser considerada, tal como a linguagem verbal, um texto simbólico, isto é, em determinada cultura, socialmente se define o significado de um elemento ou forma, como por exemplo: uma cor, como o vermelho, um conjunto de linhas como cruz e, todos que comungam do conhecimento da significação a eles atribuída, fazem sua leitura. (VOLPATO, 2003)

Ou seja, ele se torna um leitor de textos imagéticos.

Assim, seguindo a lógica da teoria da leitura crítica onde o ato de ler um texto (verbal) pressupõe compreender o processo de produção desse: quem escreveu, de que lugar, para quem, qual a intencionalidade; destacando esses fatores como de suma importância para o entendimento dos significados textuais e produção de novos sentidos, deixando de lado a ideia de que ler é decodificar o código. Ler é ir além. Da mesma forma ocorre com o texto imagético, embora outros mecanismos sejam usados na apropriação deste.

Para que o leitor tenha compreensão dos significados e condição de produzir novos, é preciso que o mesmo utilize estratégias que o possibilite dialogar com a imagem, tais como rever seu repertório de conhecimentos, fazendo associações do texto com as suas memórias. E ainda, fazer do ato de olhar a imagem, uma ação sensibilizadora apurando todos os sentidos, ou seja, ver não é somente decodificar, mas é também sentir, percebendo inclusive, o que não pode ser dito. Só assim, esse processo de leitura ganhará o aspecto reflexivo. Comungando com Ferrara quando afirma que: *“o objetivo da leitura não verbal vai muito além da decodificação”* (FERRARA.2007).

O texto imagético representa a linguagem quando se associa e produz ideias novas a partir de inferências que mostra a proximidade e a comparação entre objetos e situações distantes. Nesse sentido, a visão apresentada aqui, é de que esse processo de “ler imagem” ganha aspectos pedagógicos, ou seja, a imagem agora pode e deve ser utilizada como texto em sala de aula, repleto de significados em si só, ou relacionados com outros. Não é possível utilizar, pois, a imagem apenas como ilustração do texto verbal ou um pretexto, para o texto escrito. É necessário, concordando com Hernández, construir uma dinâmica de leitura imagética sob a perspectiva de interpretação, relacionando todos os elementos que formam o texto: da produção pelo autor à recepção

do leitor (espectador), a fim de identificar significados e possibilidades de empregar ou criar novos sentidos.

Já se sabe, conforme mencionado anteriormente, que o texto imagético é amplamente usado pelos meios de comunicação e informação. Por isso, sua imersão na escola é inevitável, os alunos estão em contato direto com imagens que vem e vão durante todo o tempo, sem, entretanto constituir uma relação de leitura crítica. Assim,

A leitura da imagem como uma tecnologia incorporada a cultura, está ampliando seu campo e tomando a projeção que teve seu passado. O texto ocupou grande espaço após a invenção da imprensa e da democratização do acesso à informação escrita. Na chamada sociedade moderna, a ênfase dada pela educação ao texto escrito foi muito maior do que a ênfase dada à educação pela imagem porque esta última permanece como atividade marginal, associada à ornamentação, ao lúdico, ao dispensável, secundário, ilustrativo. Consequentemente houve uma perda gradual da educação pela imagem. Hoje ninguém aprende a lê-la. (BARBOSA,1995)

Dessa maneira, ampliar a discussão e estudos sobre a problematização da imagem como texto, inserido nas práticas docentes, certamente favorecerá para uma formação mais adequada alunos quanto leitores de textos imagético e verbal também, pois nesse processo de apropriação um não exclui o outro. Ao contrário, até porque vale acrescentar que há a formação de um texto híbrido a partir da junção do escrito, como imagético.

Vivenciando a prática docente através do texto imagético no PIBID

Sabe-se que ao aluno que está na escola não lhe é garantido o sucesso pleno no domínio da leitura e da escrita, muitos terminam o ensino médio como os chamados “analfabetos funcionais”, contraditoriamente, um fenômeno comum entre os jovens que frequentam a escola. Paralelo a isto as mídias contemporâneas tem exercido enorme influência sobre o comportamento e o interesse dos jovens, inspirando novas formas de pensar e de se comportar em sociedade; em verdade, as novas mídias com o advento das novas tecnologias da informação e da comunicação inauguram um novo “ethos” cultural que articula em um só corpo diferenças culturais, diferenças espaços-temporais e variados níveis intelectuais. Esta multiplicidade de vozes e perspectivas que a linguagem das

mídias encerra, coloca-se como possibilidade de integração das massas à contemporaneidade e articula as várias disciplinas do currículo escolar. Esta linguagem midiática que tem na imagem uma das principais formas de comunicação guarda em si diversos significados e símbolos culturais e ideológicos que atraem os jovens e possibilita à escola o desenvolvimento de ações formativas ligadas à cultura geral e aos conteúdos específicos.

Dessa forma, a utilização dos textos imagéticos nas práticas docentes traz a possibilidade de ampliar o universo de conhecimento do aluno. Pois, ver e observar as mais diversas imagens, já é algo comum para todos, e ainda mais para os adolescentes e jovens que vivem em meio aos dispositivos midiáticos, com conexão em tempo real, cheios de aplicativos e imagens. Mas do que nunca é necessário que os professores lancem mão dessa linguagem imagética, a fim de efetivamente formar alunos que sejam leitores críticos tanto de textos verbal ou não.

O subprojeto “Educação pela Imagem: formação cultural, leitura e escrita” que faz parte do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), é desenvolvido no Colégio Modelo Luís Eduardo Magalhães na cidade Jacobina, e no Colégio Estadual Normal Arnaldo de Oliveira na cidade de Caém no interior da Bahia, e traz como finalidades primordiais, 1) proporcionar aos bolsistas de iniciação (alunos dos cursos de Letras e Inglês DCH - Campus IV) a vivência efetiva do cotidiano escolar, através do desenvolvimento de intervenções, de caráter interdisciplinar, com a utilização de textos imagéticos. e, 2) através da abordagem de textos da cultura visual como tema de estudo transversal oferecer aos estudantes do Ensino Médio uma formação cultural relacionada à formação geral dos sujeitos e ao conteúdo das disciplinas, colaborando assim para a formação de leitores e produtores proficientes.

A proposta de caráter interdisciplinar (e transdisciplinar) busca com essa temática inovadora, tornar o texto imagético como problematizador durante as aulas das diversas disciplinas do currículo do ensino médio, provocando assim o diálogo e a construção de sentidos e novos conhecimentos nas mais diferentes áreas. Então, o projeto gira em torno da leitura, reflexão e produção de textos imagéticos, associada à prática da leitura e escrita de textos de linguagem verbal também.

Dessa forma, os alunos do Ensino Médio, e também seus professores regentes, se veem em meio a essas novas práticas pedagógicas, que visa através da apropriação de

linguagens contemporâneas, ajudar na formação cultural desses alunos em torno das questões subjacentes a produção do texto da cultura visual e das práticas de leitura e escrita em diferentes áreas do conhecimento.

Como já mencionado o PIBID oportuniza aos bolsistas de iniciação (alunos da graduação) vivenciar de modo mais completo, pelo menos se comparado aos estágios supervisionados, à vivência de fato, ou mais aproximada da docência, pois os mesmos participam como observadores e colaboradores de reuniões pedagógicas, atividades complementares, projetos e eventos desenvolvidos nas Unidades Escolares. E ainda, de modo colaborativo, professor regente e bolsista de iniciação a docência faz planejamento e execução de intervenções nas mais diversas disciplinas curricular do Ensino Médio, interligadas a temática do projeto, a serem desenvolvidas na sala de aula. Por isso, os bolsistas se envolvem nas atividades desenvolvidas pelos professores experimentando a docência e analisando criticamente afim de haja uma intervenção.

As ações do subprojeto, além do que já foi dito, vem sendo realizados com a promoção de palestras para discussão acerca dos trabalhos desenvolvidos pelo PIBID, bem como os seus resultados; realização de aulas de campo em parceria com os professores; desenvolvimento de projetos de leitura e escrita oferecidos aos alunos das escolas participantes; além de oficinas de produção de fotografias, de redação, vídeo e apoio aos projetos itinerantes da rede Estadual (FACE, TAL, AVE). Além de organização de exposição e sessão de filmes.

Todas as ações que vem sendo realizadas ao longo desses dois anos em que o projeto acontece, está sendo montando um portfólio, onde há descrição das ações, desde o momento da observação, do planejamento colaborativo com os regentes envolvidos, até a execução e análise dos resultados.

Considerações finais

Considerando que o texto imagético no subprojeto em questão, é o propulsor para produções de novas formas, práticas (estratégia) de lidar com essa linguagem (imagética) em sala de aula, percebe-se que a utilização da imagem na sala, como texto colabora e muito para formação dos alunos como leitores. Essas práticas levam os alunos a criarem uma consciência leitora diante do texto observado. Onde os sentidos

impressos pelo produtor como elementos culturais, ideológicos, políticos, pessoais, serão identificados e colaborarão no processo de significação e produção de novos sentidos e outros textos.

É notória a necessidade de que os futuros professores, bem como os que já atuam possam perceber a importância da imagem na sala de aula, não só como ilustração, mas como textos carregados de sentidos, que devem fazer parte das aulas, pois já são partes do mundo. Portanto, é preciso que haja mais pesquisas e experimentações metodológicas sobre o uso da imagem, para que se torne mais simples sua utilização pedagógica.

Nesse sentido é que o papel da escola atualmente através das práticas docentes torna-se fundamental para a formação de cidadãos que possam ler e interpretar as imagens de forma consciente, crítica e proveitosa para o sentido de melhor localização e orientação do homem no mundo.

Referências

BARBOSA, E. **Leitura e Mídia: Entre Ler**, ano 1, nº 3 jun/jul. PROLER. Casa da Leitura, Rio de Janeiro, 1995.

FAGUNDES, André Luís de Oliveira. ***O Poder Formativo Das Imagens E Suas Implicações Pedagógicas***. Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). 2009

FERRARA, Lucrecia D'Alésio. **Leitura sem palavras**. São Paulo: Ática, 2007.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLIVEIRA, Sandra Regina. **Leitura de Imagens para a Educação**. – São Paulo: s.n., 1998. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Área de Concentração: Comunicação e Semiótica

PEREIRA, Maria Cristina C. L. **Uma arqueologia da história das imagens**. In: GOLINO, William (org). Seminário: A importância da teoria para a produção artística e cultural. Vitória, UFES, maio, 2004. Site: <http://www.tempodecritica.com/>

TARDIF, Maurice, **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

VOLPATO, Edite. *Cultura, Imagem e Educação*. Universidade do Estado de Santa Catarina – (UDESC), 2003.